

XENAKIS E A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Benoît Gibson

Desde a sua criação, em 1956, a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento e na divulgação da música contemporânea. O seu catálogo de encomendas de novas composições musicais, entre 1963 e 2007, revela 262 convites feitos a 127 compositores¹. Relativamente a estes números, e se excluirmos os portugueses, Xenakis foi aquele que recebeu mais comissões (11, no total), o que faz da FCG a instituição que contribuiu financeiramente para o maior número das suas obras.

Tudo começou em 1967, quando Claude Samuel pediu à FCG que subsidiasse algumas encomendas de obras musicais a apresentar na edição seguinte do Festival Internacional de Arte Contemporânea de Royan. Na lista que propunha constava uma obra de Xenakis para 12 vozes *a cappella*. Esta foi a primeira escolha da diretora do Serviço de Música da Fundação, Maria Madalena de Azeredo Perdigão, que reconheceu imediatamente a reputação internacional do compositor². A obra, intitulada *Nuits* (1967-1968), teve um enorme êxito quando foi apresentada.

Xenakis encontrou em Madalena Perdigão um forte apoio no seio da FCG³. Com efeito, a diretora do Serviço de Música esteve na origem de várias iniciativas relacionadas com o compositor.

Foi por sua proposta que a FCG concedeu um subsídio à Equipe de Mathématiques et d'Automatique Musicales (EMAMu), que permitiu a Xenakis adquirir um leitor de fita magnética e criar a música para o prelúdio do *Polytope de Cluny* (1972)⁴ (ver XENAKIS 1971, p. 41). Pode referir-se ainda a encomenda de uma obra para coro e orquestra e a organização de dois festivais. O primeiro, que teve lugar em junho de 1973, incluiu, entre outros, dois concertos, uma exposição e uma palestra de Xenakis; o segundo, realizado no ano seguinte, foi o de maior envergadura e integrou a estreia mundial de *Cendrées* (1974) para coro e orquestra⁵.

Em setembro de 1974, Madalena Perdigão abandonou o seu cargo. Apesar disso, a FCG continuou a apoiar Xenakis. Nos anos que se seguiram, vários organismos culturais abordaram a Fundação para que financiasse, no todo ou em parte, encomendas de obras do compositor. Assim, foi com o apoio da Fundação que Xenakis compôs as seguintes obras: *Phlegra* (1975), para a London Sinfonietta; *Psappha* (1975), para o English Bach Festival; *À Colone* (1977), para os Rencontres Internationales de Musique Contemporaine de Metz; *Ata* (1987)⁶, para a Orquestra Sinfónica da SWF de Baden-Baden; *Dox-Orkh* (1991), para o Festival de Música de Estrasburgo; e *Dämmerstein* (1993-1994), para a Orquestra Sinfónica da WDR de Colónia⁷. É também de notar que o programa do 5.º Encontro Internacional de Arte Contemporânea em La Rochelle, no ano de 1977, menciona a FCG como patrocinadora da obra *Kottos* (1977), composta para a segunda prova eliminatória do concurso Rostropovich (concurso internacional de violoncelo em música contemporânea). Além disso, embora não se trate de uma encomenda, pode ser acrescentado a esta lista o apoio dado ao Centre Acanthes, fundado por Claude Samuel e dedicado à pedagogia ativa da música contemporânea. Xenakis foi convidado a participar duas vezes, em 1978 e em 1985. Em cada uma destas ocasiões, a FCG

ofereceu bolsas de estudo a participantes selecionados para frequentarem cursos sobre as obras do compositor.

Entretanto, em Portugal, Luís Pereira Leal, que sucedera a Madalena Perdigão, mantinha as suas orientações. Foi por sua iniciativa que foram criados os Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea⁸. Estes encontros, que tiveram lugar entre 1977 e 2002, apresentaram ao público interpretações de quase 47 obras diferentes de Xenakis, incluindo duas estreias mundiais – *Tetras* (1983), para quarteto de cordas, e *Dämmerschein* (1994)⁹ –, culminando na sua 24.^a edição, em 2000, organizada em torno do tema «música e matemática», com cinco concertos que reuniram 22 obras para instrumento solo, música de câmara ou orquestra, a maioria dos quais em estreia em Portugal¹⁰. Foi uma verdadeira homenagem a Xenakis, alguns meses antes da sua morte.

Em 2009, Risto Nieminen substituiu Luís Pereira Leal como diretor do Serviço de Música, ocupando o cargo até hoje. De certa forma, ao associar-se à Philharmonie de Paris no acolhimento da exposição *Révolutions Xenakis*, a FCG reafirma o seu compromisso de longa data para com um dos compositores mais originais do século XX.

1

Cf. *Catálogo de Obras Encomendadas a Compositores pelo Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, 1963-2007*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

2

Recomendação feita ao Conselho de Administração da Fundação e datada de 17 de janeiro de 1968 (Arquivos Gulbenkian).

3

Talvez não seja insignificante mencionar que Madalena Perdigão se licenciou em Matemática antes de se dedicar à música.

4

Numa carta a Madalena Perdigão, datada de 22 de janeiro de 1974, Xenakis escreve: «O conversor do CEMAMu funcionou muito bem, uma vez que a música do prelúdio de *Polytope II* é inteiramente produzida por ele» (Arquivos Gulbenkian).

5

Xenakis dedica *Cendrées* a Madalena e José de Azeredo Perdigão.

6

Ata é dedicada a Joseph Häusler e Luís Pereira Leal.

7

O catálogo de encomendas de obras musicais da FCG também faz referência à obra eletroacústica *GENDY3* (1991). Cf. *Catálogo de Obras Encomendadas a Compositores pelo Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, 1963-2007*.

8

Cf. PINTO RIBEIRO 2007, p. 295.

9

Dämmerschein é dedicada a Joseph Häusler e Luís Pereira Leal. Cf. *Catálogo dos 26.ºs Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

10

Cf. *Catálogo dos 24.ºs Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.